

TENSÕES E ESTRANHAMENTOS EM DISCURSO(S) DE DOCEIRAS SOBRE A REALOCAÇÃO COMPULSÓRIA DE ITUETA

(Tensions and strangeness in discourse(s) of confectioners (doceiras) on Itueta's compulsory reallocation)

Thiago Martins Santos¹
(Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE)

Nádia Dolores Fernandes Biavati²
(Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ)

ABSTRACT

Based on the vision of discursive studies, cultural studies and figurative sociology, we analyze how the confectioners in Itueta community represent (and are represented in) the process of territorial disarticulation of Itueta, Minas Gerais, in relation to the construction of the Aimorés Hydroelectric Plant Vale-Cemig consortium, which caused the reallocation of the city. The dismantling of the so-called "old" Itueta, in the end of the 1990s, brings to light the way in which discourses about reallocation are produced, significantly reinforcing the strangeness about change, contrasting "before and after" regarding the moving to "new" Itueta, a process considered as a rupture of social practices and identities.

Keywords: Representation. Discourse(s). Identities. Reallocation. Territory.

RESUMO

Com base na visão dos estudos discursivos, dos estudos culturais e da sociologia figuracional, analisamos como doceiras integrantes da comunidade ituetaense representam (e são representadas no) o processo de desarticulação territorial de Itueta, Minas Gerais, face à construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés pelo consórcio Vale-Cemig, que provocou a realocação da cidade. A desarticulação da chamada Itueta "velha" a partir do final dos anos 1990 traz à baila o modo como se produzem discursos sobre a realocação, fortalecendo de maneira significativa o estranhamento sobre a mudança, em contrastes de dizeres sobre "antes e depois" da ida para a "nova" Itueta, processo tido como ruptura de práticas sociais e de identidades.

Palavras-chave: Representação. Discurso(s). Identidades. Realocação. Território.

INTRODUÇÃO

Tomamos os discursos como um aspecto importante das estruturas sociais, refletindo o modo como os sujeitos constroem sentidos a partir das vivências, produzindo, distribuindo e consumindo dizeres, práticas e sistemas de conhecimentos e crenças, em ações, posições e estilos, configurando (ou não) os eventos que se apresentam socialmente. Desvelar os dizeres que circulam

¹ Mestre em Gestão Integrada do Território (GIT/UNIVALE). Professor da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

² Doutora em Linguística (POSLIN/FALE/UFMG). Professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e integrante do Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (PROMEL/UFSJ).

nas práticas discursivas é um caminho para compreender como se dão as tensões e os confrontos que se delineiam socialmente.

A representação é um processo cultural (e discursivo) por meio do qual se estabelecem caracterizações de identidades e práticas tanto em condições de permanência quanto em processo(s) de reconfiguração e flexibilidade. Para os estudos discursivos, representar algo implica tornar vistos processos e construções discursivas sobre algo, retratando um evento, uma identidade ou uma prática. Para os estudos culturais, há uma crise da chamada identidade definitiva (WOODWARD, 2000), pois não há mais condições de se pensar verdades fechadas sobre algo. Isso significa que identidade(s) não indica(m) uma relação direta com o ser fixo, mas o tornar-se algo e alguém diante de condições no mundo, ou seja, uma identidade pode apresentar traços nem sempre contínuos, reflexos de um mundo em constante mudança. As ações e os dizeres são projetados a partir do que se vive, indicando reflexões sobre as práticas ensaiadas nos contextos e o que se vê a partir deles. Em meio aos processos sociais sujeitos à mudança social, produzindo a flexibilidade nas identidades e nas práticas, o consenso sobre ser e estar fixos é, cada vez mais, objeto de rupturas, gerando diferentes resultados, valores negociáveis e práticas líquidas (BAUMAN, 2005).

No presente artigo nos propomos a analisar as representações de identidades e práticas de doceiras moradoras de Itueta, Minas Gerais, diante do processo de desarticulação territorial e a consequente realocação sofrida pela cidade em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés (UHE Aimorés) pelo consórcio das empresas Vale e Cemig. Apresentamos também uma visão até certo ponto dissonante das doceiras, que é a de uma representante local, discutindo as implicações desse processo e considerando aspectos dessa identidade nas condições locais.

Nessa direção, o contexto que orienta este artigo é o município mineiro de Itueta, situado próximo da divisa com o Espírito Santo, com uma população de 5.830 habitantes, dos quais 56,59% residem na área urbana, segundo os dados do censo demográfico de 2010. Itueta surgiu e se desenvolveu territorialmente³ ao longo do século XX, às margens do rio Doce e no entorno da Estrada de Ferro Vitória a Minas. A emancipação política ocorreu em 1948. No final da década de 1990, a população foi informada sobre a construção da UHE Aimorés na região e da necessidade de realocação da sede do município para ceder o lugar às águas do reservatório e ao deslocamento da linha férrea da Vale. Na antiga cidade viviam pessoas simples, que ganhavam a vida como pescadores, pequenos comerciantes e produtores rurais. O processo de realocação, compulsório à

³ O desenvolvimento territorial é histórico e se dá a partir da ocupação e apropriação do espaço geográfico por um indivíduo ou grupo de indivíduos, que mantém entre si relações de poder. Neste trabalho adotamos a visão culturalista de território, de Haesbaert e Limonad (2007, p. 45), que concebem território como o “[...] conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo”.

comunidade local, foi finalizado em 2005, com a destruição física da Itueta “velha” e o reassentamento dos habitantes na “nova” Itueta,⁴ edificada pelo consórcio responsável pelo empreendimento hidrelétrico.

A Itueta “velha” era conhecida pelos passageiros do trem de ferro por causa dos doces produzidos a partir de técnicas artesanais, cuja venda na estação ferroviária da cidade se consolidou como uma importante fonte de renda para inúmeras famílias. As doceiras se concentravam na antiga estação e vendiam seus doces, fazendo dessa prática uma importante fonte de recursos. A prática da venda também produzia interações que possibilitavam a inserção de doceiras no processo dialógico que discursivamente sustentava a posição de ser e estar em condições com a própria identidade ituetense, lidando com o grande público, tornando os doces e as doceiras uma marca da identidade local. Contudo, com a realocação tudo mudou, pois o trem não passa na nova cidade. A destruição da antiga estação e a falta de uma parada na “nova” Itueta pôs fim a uma prática de longa data e desarticulou economicamente as famílias envolvidas nessa atividade. Houve a proposta de criar uma fábrica de doces na nova cidade, o que, na visão da Associação de Moradores de Itueta (AMI), poderia resolver o problema da venda e da continuidade do ofício das doceiras, mas que acabou não se concretizando.

No presente trabalho destacamos narrativas, representações sobre o lugar da antiga morada, o processo de desarticulação territorial e suas consequências discursivizadas por duas doceiras e por uma representante da AMI, integrantes da comunidade ituetense, a partir das condições locais. Entendemos essa discursivização como modos de expressão, construção de sentidos orientados por ideologias que permeiam as narrativas, uma vez que marcam depoimentos sobre deixar a cidade velha para se refazer na cidade nova diante do processo de realocação compulsória. A desarticulação do território ituetense trouxe consigo narrativas que retrataram as vivências de angústias e ansiedades sobre esse processo. Neste texto, se põem à mostra pontos de rompimentos comunitários desse território representados diante do vivido, que parece face à destruição iminente anunciada pelo consórcio. Destacamos como tais doceiras e a representante da associação colocam sua voz que se manifesta sobre o processo de maneira ora resignada, ora revoltada referendando, com isso, a ideia de que identidades, territórios e ideologias se intercambiam, fazendo emergir, por meio de discurso(s), sua visão sobre a desarticulação do território, fato significativo para afetar seus sistemas de conhecimentos e crenças, trazendo à tona as tensões e os confrontos estabelecidos a partir dessa condição territorial.

⁴ Os ituetenses que integram o grupo de sujeitos do estudo que originou este artigo se referem à antiga cidade por “Itueta velha” e chamam a nova cidade, onde residem atualmente, de “nova Itueta”.

Metodologicamente, o presente texto retoma trechos de entrevistas feitas pelo primeiro autor para sua dissertação de mestrado.⁵ Adotando a ideia de Arfuch (2010) de que os testemunhos e a voz dos sujeitos dão corpo à figura do ator social, consideramos que a análise das narrativas sobre o processo vivido é estratégia para a compreensão de como as entrevistadas representam facetas da vida, ou seja, como representam sua identidade que discursiviza seus valores e sua forma de ver o mundo diante da realocação. Compreender tais entrevistas nos dá pistas de como discurso e território são duas abordagens que se intercambiam, trazendo-nos possibilidades de, pelos estudos críticos da linguagem, compreender dimensões da vida social.

Chama atenção, no presente trabalho, o que o teórico discursivo crítico Fairclough (2001; 2010) desenvolve, considerando significados produzidos a partir da dimensão discursiva, tomando o que discute como significado representacional. Nessa perspectiva analítica, destacam-se os discursos como construções simbólicas, formas de imaginários por meio dos quais as pessoas se retratam e retratam seu processo e sua forma de ver o mundo. As práticas sociais e os dizeres sobre mudança, nesse contexto, são tomadas como formas relativamente estabilizadas de compreender a realidade da mudança territorial. Isso significa que, enquanto as doceiras representam a Itueta “velha” como o lugar da saudade, a representante local representa essa ideia da realocação como internalizada, ainda não superada pelas doceiras, que retratam a “nova” Itueta com certo inconformismo.

1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES EM PESQUISA: GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Uma concepção de sociedade fecunda para a compreensão dos processos territoriais é a da sociologia figuracional. Por meio dessa abordagem, compreende-se a sociedade globalizada permeada de mecanismos de inclusão e exclusão, em que há constantes trocas entre os sujeitos. Essa visão de sociedade se destaca pela percepção da realidade calcada na interdependência entre os indivíduos. As relações nessa sociedade não cessam de se modificar e são atravessadas por conflitos (ELIAS; SCOTSON, 2000), pois há tensões com os regimentos, as posturas, os hábitos, os valores e as etnias diferentes.

O território investigado é uma categoria que se destaca diante dos discursos sobre morar, mudar e adaptar-se a um novo local. Nesse sentido, há discursivamente marcas sociais e valores

⁵ SANTOS, T. **Itueta**: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005). 2013. 71 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2013. O trabalho contou com a orientação da professora Dra. Sueli Siqueira e foi financiado pela Fapemig.

iguais e diferentes, no chamado entremeio do espaço da cidade – o da Itueta “velha”, representada pelas doceiras como o verdadeiro lar – e o da “nova” Itueta, espaço de realocação compulsória designado pelo consórcio e construído para ser a nova cidade dos ituetenses.

Há uma construção simbólica sobre esses lugares, que se fundamenta nas relações de poder, de avaliação dos envolvidos no processo de desarticulação, representado pelos ituetenses em geral, como condição obrigatória. Tal poder ora se representa a partir da marca estatal que indica para onde os ituetenses iriam com a desarticulação e como eles deveriam desocupar o território de origem, bem como ocupar o “território” de destino. Essa condição remete às relações assimétricas de poder entre consórcio e moradores, ainda que eles se representem como habitantes da Itueta “velha”, que seriam e foram realocados em uma cidade nova, com construções novas, em novas situações. O que se observa é que essas novas condições desarticulam a população em suas relações e práticas, trazendo um futuro não estável, sem garantias, repleto de inseguranças, conforme veremos na avaliação das entrevistadas.

O ponto que destacamos neste artigo se refere à destruição da estação ferroviária de Itueta, que pôs fim à prática da venda de doces, fato que desarticulou economicamente as famílias das doceiras envolvidas nessa atividade. Para além da desarticulação econômica, houve ainda a desarticulação social e discursiva, considerando que esses sujeitos envolvidos em tal prática organizavam sua vida e suas relações em torno da interação social com as colegas, os passageiros, os outros moradores, como podemos identificar nos depoimentos concedidos pela dona Laura e pela dona Míriam,⁶ duas doceiras sexagenárias de Itueta, que tematizam a feitura e a venda dos doces e o modo como lidavam com isso na Itueta “velha”:

O meu trabalho era vender doce. Eu fazia aquelas vasilhas de doce, eu fazia hoje para comer amanhã, fazia hoje para comer amanhã. Assim era o dia a dia, sabe? Você fazia doce, tinha dia que você ia para a linha vender e chegavam os guardas [funcionários do consórcio que atuavam na estação ferroviária no período da desarticulação da Itueta “velha”] que proibiam a gente de vender, que não podia vender naquela hora, porque estava em perigo, porque iam soltar as bombas [para detonação da cidade]. Encovavam a gente tudo num canto lá e aquilo davam cafezinho, davam água, davam não sei o quê. E enquanto isso, meu filho, era cada bomba que, quando você voltava para casa, tinha telha caída, tinha parede rachada, tinha gente correndo para o hospital, porque com o estouro das bombas passavam mal, iam para o hospital. Os doces estragavam. Aí foram caindo as coisas, foi caindo, foi caindo, cada dia pior. [...] As amigas velhas que eu tinha lá, se eu tivesse com uma panela no fogo eu não podia aparecer no portão que chegava uma, chegavam duas, entrava um bolo. Eu tinha que correr lá e desligar a panela, de tanta amizade que a gente tinha com todo mundo. Hoje em dia você não conhece mais ninguém na rua. Ninguém conhece mais ninguém. Eu fico aqui. Minha casa

⁶ Nomes fictícios.

ficou mais distante. Eu não sei onde mora quase mais ninguém que morava em Itueta. Muitos venderam, desgostaram e foram embora. Entraram outros de fora, gente que eu nunca vi na minha vida. [...] Porque aqui você pode perguntar todo mundo, ninguém é feliz aqui, ninguém. Lá tinha uma alegria, naquela chegada daquele trem de passageiro, vinha gente lá do morro que descia para assistir à chegada do trem. Tinham 24 doceiras, nós esperando com aquelas bandejas grandes de doces, e o povo todo vinha. Às vezes não ia chegar ninguém para eles, mas descia tudo, tinha aquele prazer de descer, assistir à chegada do trem e à saída do trem. Acabou aquele trem de lá, você não vê aquele trem descendo e subindo, aquele povo todo na rua, todo mundo vendo. Tinha uma passagem muito grande do Norte [como se referem à Vila Neitzel, distrito de Itueta, separado da sede do município pelo rio Doce], eles vinham tudo para cá, acabou tudo. Eu sei que a gente vivia muito feliz lá, sabe? [Na transferência para a nova cidade] O pessoal começou a sair de lá e deixou alguma coisa para trás, para buscar depois, e quando voltava lá, você não via nem sinal da casa, você não sabia nem onde estava a casa mais, já estava com a máquina tudo derrubada, a máquina já tinha passado por cima, amassado, derrubado tudo, aquela tristeza. Aquilo era só tristeza para o povo, foi só tristeza. Então, foi uma coisa muito triste, sabe? Eu fiquei doente, meu marido ficou doente, muitos aí ficaram doentes, estão doentes até hoje, muitos morreram. Aquelas pessoas mais antigas? Tem poucas! Morreram quase todas apaixonadas, apaixonadas pela mudança de lugar. [Entrevistador: Como a senhora começou a fazer doces para vender?] As amigas lá falaram “não, a senhora faz cocada. Cocada é feita assim, assim, assim”. Eu comecei a fazer cocada e, por fim, eu estava dando aula de cocada para as outras. A gente comprava coco dessa região todinha, tudo para nós lá. Eu fazia cocada de manhã e de tarde, para entregar no trem da manhã e no trem da tarde, vendia tudo. Época de feriado agora, você não dava conta de fazer não, ué, não dava conta de fazer. Os de fora que vinham visitar o lugar, os de fora... hoje em dia não vem ninguém visitar Itueta não, acabou, não vem mais. [...] E os homens da companhia [consórcio hidrelétrico] brigavam, a gente ia reclamar com eles [sobre as dificuldades de continuar vendendo os doces] e eles brigavam com a gente ainda, falavam palavrão com a gente ainda. Quando eu mudei para cá, o dinheiro [da indenização] já tinha acabado. Já tinha mais de mês que eles tinham cortado a venda na linha lá. O vigia não deixava a gente vender mais, aí o dinheiro já tinha acabado. [...] Doceira comia o que queria, fazia sua feira na hora que queria, hoje acabou. Muitas aí não têm, tem mulher aí que era doceira que passa aperto, viu, passando aperto. É muito triste. Nós éramos em 14, depois começou a surgir ideia de mudar Itueta e acho que foi para umas 25, porque eles falaram assim que iriam indenizar, pagar não sei o quê, não sei o quê, e aí começou a entrar gente para poder ganhar o direito. Mas doceiras antigas mesmo eram 14, as pessoas todas unidas. Antes do trem a gente ficava todas sentadas batendo papo, esperando o trem. Na hora que o trem vinha, a gente vendia os doces e olha [iam embora logo após a partida do trem]. O trem parava um pouquinho, negócio de dois, três minutos. A gente entregava tudo. Uma pessoa só comprava 10, comprava 15, era só a conta de você colocar na sacola, entendeu? A gente pulava bonito, corria cá, corria lá, entregava, outros pegavam tudo de uma vez, um dia a gente tomava cano, outro não (risos). Mas era gostoso demais, viu? Meus trem que eu tinha dentro da minha casa foi tudo comprado com dinheiro de doce, lá em baixo. Tudo, tudo, comprava à prestação pequenininha, para não apertar, aí eu sabia que no final do mês eu tinha aquele dinheiro para pagar. Comprava uma peça, pagava aquela e depois pegava outra. Do marido era só para comer, né? O meu era para comprar os trem de casa que precisasse. Difícil, menino, é muito difícil para nós (Dona Laura).

Aqui [na “nova” Itueta] eu não sei muita coisa, porque eu quase não saio aqui, sabe? [...] Itueta “velha”? Ah, lá era tudo de bom, a gente vendia no trem. Ali era tudo reunido, mais perto. Ali era bem melhor do que aqui, eu acho. Você atravessava de canoa, ia para o Norte, andava, conseguia muita coisa, era mais animado, sabe? Aqui está tudo mais separado. De noite a gente era tudo reunido, conversando, era tudo mais perto, sabe? Aí a gente conversava muito, trabalhava muito. Ali você num ficava sentado, não tinha tempo. Aqui, depois que a gente veio para cá, só tem serviço de casa mesmo. E lá não. Lá a gente tinha porco, tinha galinha, tinha uma chácara grande. Não era da gente, mas a gente que cuidava. Ah, não, eu acho que lá era mais animado, ali. Eu trabalhava só em casa. Eu buscava o coco, pegava o ônibus dos alunos, atravessava de canoa, entrava no ônibus e aquilo o ônibus sumia. Buscava 30, 40 quilos de coco, chegava em casa e ralava tudo. Tinha porco para criar, porque meu marido trabalhava fora. Tinha galinha para olhar, quintal para cuidar. A casinha era grandinha também, meus meninos todos na escola. Agora hoje não, hoje eles já estão todos grandes já. Gostava, a gente acostumou, né? Aquilo faz uma falta! Era tão bom! (silencia). [...] eu ia muito no trem, na estação, para vender, né? Eram duas vezes por dia, era de manhã e de tarde. O lugar que eu mais ia era ali, na estação, lá era todo dia (Dona Míriam).

Nos dois depoimentos apresentados, chama-nos atenção o fato de que as doceiras se viam como protagonistas ao mencionar seu poder de compra, de contribuição nas despesas familiares e participação na rede de relacionamentos com outras doceiras, passageiros compradores dos doces e funcionários do consórcio, sempre presentes na estação ferroviária. Em geral, constroem sentidos apoiando-se na ideia de que cidade boa era a Itueta “velha”. Para elas, a antiga cidade ainda constitui seu real território, que, embora destruído fisicamente, permanece erguido como território simbólico em seu coração e sua mente. Entende-se a construção simbólica de território apoiada na representação discursiva do lugar, no caso, a representação positiva apoiada nas práticas e vivências em Itueta “velha”. Essa condição territorial é presentificada nas narrativas quando se localizam os lugares retratando emoções, sentimentos em meio à realidade, por exemplo, o emprego dos advérbios de lugar. O uso do “cá” por dona Laura, ao citar a vinda dos residentes do Norte do município para a antiga cidade e o recorrente uso do “ali” por dona Míriam para se referir a uma cidade que foi demolida, vivificam a Itueta “velha” e a reaproximam de si, discursivamente. Itueta é representada como um lugar perfeito e único, legitimando as manifestações de indignação e o lamento desenvolvido em razão da mudança, como se percebe explicitado em “acabou tudo” e “Ali era bem melhor do que aqui, eu acho”.

A realocação compulsória, aliada à não continuidade das práticas que organizavam sua vida, tem dificultado sobremaneira o processo de fixação das doceiras no novo espaço que ainda não se configurou, para elas, em território. A “nova” Itueta é representada como um conjunto de dizeres do

depois da desarticulação, em um processo significativo de justificativas que expressam a dificuldade para tal apropriação acontecer de fato, dificultando a reterritorialização⁷ dos sujeitos.

Nesse sentido, a definição de território de Boligan e Almeida (2003, p. 241) nos ajuda a entender essa dificuldade de desterritorializar-se da Itueta “velha” e reterritorializar-se na “nova” Itueta, não reconhecendo o novo espaço como território:

Território é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural.

Percebe-se a importância da construção de sentidos no delineamento dessa visão territorial, condizente com a aceção de território de Boligan e Almeida (2003), que é calcada em aspectos simbólicos, construídos e marcados por dizeres, interação e pertencimento. Acredita-se que as sociedades se configuram em redes, em perspectiva tanto global quanto local, pois os contatos se organizam por afinidades, por vivências muitas vezes conforme as descritas por Elias e Scotson (2000): as relações são reguladas em uma sociedade cujo poder se dá com o exercício das trocas. Nesse ínterim, vigoram não só as relações desiguais de poder, mas também o poder exercido nas trocas. Nelas há o equilíbrio instável de forças.

Nessa situação, figuram os estabelecidos, ou seja, os que naquele território já convivem há mais tempo, e os *outsiders*, os que chegam e passam a alterar a ordem das coisas em alguma medida, influenciando o território em que se instalam ou até mesmo estabelecendo tensões ali. É o que acontece com a chegada do consórcio para derrubada da cidade e reorganização dos sujeitos nos locais. Essas tensões refletem no modo sobre o pensar e o agir, fazendo com que surjam comparações de ruptura entre o lugar de origem e o de destino, discursivizadas pelas doceiras, por meio de escolhas lexicais relativas à cidade nova e à Itueta antiga. Essas diferenças se fazem presentes, face às comparações tecidas pelos sujeitos. De *outsider* – estrangeiro no território dos moradores de Itueta “velha”, o consórcio se coloca como estabelecido, na medida em que ao consórcio passa, textualmente, a ser atribuída a responsabilidade das ações que se dão no processo de desarticulação territorial. A exemplo disso, tomam-se as ações em que vigoram atitudes de gestão do espaço: “O vigia não deixava a gente vender mais”, “E os homens da companhia [consórcio hidrelétrico] brigavam”, em orientação do público e vigília da estação para que as doceiras não permanecessem ali. Por outro lado, no processo de desarticulação, as doceiras passam

⁷ Ou seja, a realocação e a retomada da vida em outro lugar.

a ser compreendidas como *outsiders*, ao lamentar que foram impedidas de frequentar a estação onde até então se relacionavam, tiravam seu sustento, consolidavam sua autonomia.

Ainda sobre essas (des)articulações, dona Luíza, que era membro da Associação de Moradores de Itueta (AMI) no contexto da realocação, destaca que a associação também se ocupou de negociar com o consórcio interesses coletivos, como a infraestrutura urbana e a construção de espaços públicos de convívio social na nova cidade. A proposta da criação de uma rodoviária, um mercado municipal e um centro comercial ia ao encontro do projeto de recuperação do desenvolvimento econômico de Itueta,⁸ expectativa gerada com a transferência e que, de certa forma, ajudaria a minimizar o trauma da mudança.

Nesse ponto começam a ser percebidas as tensões entre os dizeres e as perspectivas da líder comunitária e os das doceiras, pois a criação de uma fábrica de doces, que também compôs o projeto idealizado pela AMI, parece ter fracassado, nas palavras de dona Luíza, que relatou:

Com as doceiras nós quisemos que o consórcio, nós negociamos de forma que o consórcio construísse uma fábrica para elas, equipasse e que capacitasse pessoas ligadas a elas para que pudessem administrar essa fábrica, aprender a vender o doce e colocar no mercado, então elas tinham condição de crescer, mas elas não conseguiram assimilar essa ideia, elas não foram trabalhadas de forma a entender e se sentir capazes disso aí. Então cada uma recebeu uma indenizaçãozinha aí de pouco mais de 10 mil reais, 16 mil reais, e não sabem... Hoje elas não têm mais o doce para vender, o trem para vender o doce onde elas vendiam, pronto, a vida delas parou aí, né? Então, isso aí eu acho que foi uma falha muito grande nossa de não ter exigido do consórcio esse tipo de coisa, mas nós tínhamos que lutar tanto para conseguir cada coisinha mínima na cidade, né? Preocupação, por exemplo, não pode ter nenhum quintal virado para o córrego para que não se jogasse lixo ou outras coisas no córrego, coisas assim. Essa rua aqui não pode ficar aqui, está muito inclinada, vai criar morro na cidade, muitas coisas que pudessem gerar mal-estar, a gente queria um resultado melhor, né? Para você ter uma ideia, nós conquistamos um mercado para que as pessoas pudessem levar ali os seus produtos, fazer a sua feira; as pessoas não quiseram usar o mercado. Quem tem os produtos para vender não quiseram investir nisso e trazer para vender. E quem compra, quem vai fazer feira, prefere fazer a feira aqui na rua, na chuva, no sol, embaixo de uma lona, para não andar mais um pouquinho mais até ali na frente e ter tudo organizadinho no mercado. Está lá um prédio bonito, sem utilização nenhuma. [...] Nós trabalhamos muito nas conquistas de coisas novas para a cidade que nós não tínhamos lá. Nós não tínhamos uma rodoviária, nós não tínhamos um parquinho para as pessoas, para as crianças, nós não tínhamos, a unidade de saúde era usada num prédio pequenininho, até alugado, e tudo isso foi conquistado com equipamentos melhores do que tínhamos lá, né? Nós não tínhamos um mercado, nós não tínhamos uma quadra boa de esportes, a escola muito melhor, só que não se colocou nada para funcionar. Hoje para a pessoa viajar de ônibus, [caso] ela tem

⁸ Entre os anos de 1920 e 1960 Itueta viveu um importante período de crescimento da economia local, motivado pelo ciclo da madeira. Com o fim desse ciclo, o município entrou em uma fase de retração e estagnação econômica, que perdura até os dias atuais (SANTOS, 2013).

que pegar um ônibus para Vitória, para outros lugares, ela tem que pegar lá em Resplendor, descer lá em Resplendor, pegar um táxi para chegar aqui, porque nada se colocou em prática. [...] Nós temos aqui um espaço diferente, então não dava para manter todas as ruas, a planta, a mesma planta da cidade de lá, né? Então, muitas coisas tiveram que mudar, e as pessoas reclamam até hoje e não aceitam, não criam uma situação nova, né? Eu acho, assim, se você tem que mudar alguma coisa, você precisa mudar, mudar, mudou, você se adapta e vai viver a nova vida, mas isso é muito... [...] [Na antiga cidade] era comum, movimento maior, as pessoas sentarem na porta de casa, né? Aquele hábito antigo. As pessoas saíam para ver o trem passar, muita gente ia até a estação, e hoje isso tudo não existe mais, então as pessoas começaram a ficar mais isoladas e mais fechadas (Dona Luiza).

A tensão entre discursos sobre a cidade sugere representações diferentes da realocação: enquanto para as doceiras os discursos entre o que é bom e o que é novo divergem, a representante da comunidade considera tais pontos menos conflitantes, conforme se percebe nas narrativas. Um ponto nevrálgico colocado por dona Luíza se refere ao planejamento da planta geral da nova cidade, cujos traçados produziram um mapa geográfico muito diferente do que era a antiga cidade. Essa reconfiguração indicia algumas tensões entre a Itueta “velha” e a “nova” Itueta: para as doceiras a Itueta “velha” garantia bons negócios, circulação pelos lugares da cidade, diversão e união natural entre as pessoas, enquanto a “nova” Itueta representa a falta de local para vender os doces e a falta de interação entre os habitantes da cidade. Tal ponto indicia uma mudança geográfica, que parece colocar visível a tensão de as pessoas vizinhas em Itueta “velha” não terem continuado morando próximas em “nova” Itueta. Essa desarticulação territorial fez, portanto, com que vizinhos antigos já não interagissem como na cidade velha, o que trouxe mais uma insegurança e estranhamento nas relações entre os moradores.

2 IDENTIDADES E PRÁTICAS: PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DIANTE DO VIVIDO

Nesta seção, discutem-se as noções de identidade dos estudos culturais, que se associam à compreensão que se tem sobre linguagem como prática social dos estudos críticos discursivos da vertente anglo-americana. Fairclough (2007; 2010) e as autoras brasileiras Resende e Ramalho (2006) nos mostram os estudos discursivos como inter e transdisciplinares. Esses estudos são ditos críticos, ou seja, nomeados dessa forma conforme uma compreensão filosófica ligada à escola de Frankfurt (SILVEIRA, 2009).

Nessa abordagem, há interesse no modo de compreender discursivamente as condições que permeiam um evento/prática social, considerando o significado representacional, ou seja, o modo como são retratadas as mudanças, o processo de realocação e o modo como as moradoras

entrevistadas retratam os processos do vivido no território de origem e no território de destino, culminando com as tensões entre Itueta “velha” e “nova” Itueta.

Silveira (2009) nos lembra da importância da compreensão das relações sociais, na medida em que elas se fazem no modelo capitalista, fundamentadas em bases econômicas. No presente estudo, compreendem-se as tensões entre a instalação de uma nova cidade e a destruição do lugar onde as doceiras exerciam sua autonomia financeira, desarticulando-as em sua interação e sua identidade local de independentes financeiramente. Vale lembrar a importância das relações econômicas no modelo das relações discursivas atuais, considerando que tal modelo é calcado no desenvolvimento capitalista, cujas construções simbólicas e identitárias são governadas pelas relações econômicas como alternativa, ao passo que em muito a instalação de um novo território fracassa especialmente na construção das identidades femininas autônomas, conforme sugerem as narrativas das identidades em análise.

A noção de identidade fluida (BAUMAN, 2005) em muito reflete o quadro de reconfigurações que acontecem no mundo atual: indivíduos se (re)fazem a partir da mudança, mas as doceiras tendem a representar com saudosismo as lembranças do território de onde vieram, embora tal território já não exista mais no plano material.

Prevalece a estratégia de representação dos dizeres sobre o mudar-se como uma ação causadora de emoções associadas à tristeza, representada discursivamente como “não muito boa”, “sensação de sofrimento”, “transtorno”. Esses dizeres, entre outros, corroboram as dificuldades de construir novos valores de pertencimento e estratégias de ação nesse local de destino, no caso, a “nova” Itueta. Nota-se, portanto, que fatalmente as identidades se reconfiguram com as dificuldades de apropriação: por um lado, destaca-se o modo de lidar com a mudança a partir da dor, reclamando dificuldades para o interagir adaptado, em que as doceiras se apropriam das características do local que consideram diferente, ali se reorganizando. Essa relação com o outro no local diferente é representada como mais difícil nesse novo espaço, e exercitar territorialidades se torna um desafio. As práticas socioculturais ali delineadas precisam ser reinventadas, conforme as doceiras textualizam em seus relatos. Acredita-se que há um conjunto de dificuldades no processo de reterritorialização, oriundo do processo de desarticulação, o que acaba por provocar, em muito, a rejeição ao local, dificuldades representadas pelas entrevistadas que tematizam suas vivências sobre esse processo.

Os enraizamentos são tomados das identidades que se adaptam e se (re)organizam, montando sua história em suas vivências locais, e eles se concretizam na medida em que os discursos se dão em convergência com as relações estabelecidas no território. Isso significa que as

identidades precisam ressignificar os locais de mudança em posicionamentos, assumindo como seus esses locais. Nessa direção argumentativa, consideramos o que Bonnemaïson (2002, p. 99) afirma:

[...] um território antes de ser uma fronteira é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. [...] A territorialização [...] engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade, em outras palavras, tanto os itinerários quanto os lugares.

Configura-se a dificuldade das doceiras em perceber como seu o local da realocação, especialmente porque o local indicado passa a trazer muitas diferenças que tornarão inconciliável esse processo de mobilidade e de estabelecimento dos moradores em “nova” Itueta. Nessas condições, a mudança torna o processo difícil. Isso justifica um esforço de convencimento realizado pelo consórcio para que os moradores deixassem Itueta “velha”, gerando frustrações com as diferenças em relação ao novo espaço ou mesmo detonando a antiga cidade. Para as doceiras esse esforço de ir, já tido como não agradável, toma contornos de um forte impacto nas práticas e interações locais na medida em que, ao se assentar na “nova” Itueta, ações e práticas diferentes das corriqueiras dificultam esse enraizamento, trazendo tensões, opiniões diferentes e práticas discordantes da mudança. Algumas tensões se explicam pela não permanência dos mesmos vizinhos na nova cidade, a praça e a igreja diferentes, a nova escola, novos espaços, novas condições emocionais e econômicas das doceiras para lidar com tudo. As ruas da “nova” Itueta, portanto, se tornam testemunhas de estranhamento, do inesperado que gera incômodo.

O estranhamento das doceiras pode ser justificado como uma resistência, uma resposta à realocação compulsória, que alterou seu modo de vida e os da população de uma forma geral, que viviam em comunidade. A ideia da estação ferroviária como ponto de encontro, da proximidade das casas e dos contatos pessoais, partilha frequentes na Itueta “velha”, são práticas comunitárias, um exercício da interação nas trocas locais. Já o distanciamento das casas na “nova” Itueta, a fábrica de doces (que certamente exigiria estatuto, pagamentos, burocracia), o mercado em substituição às feiras livres, são práticas de caráter societário. Comunidade e sociedade são dois conceitos⁹ importantes nesse contexto porque compreendemos que temos dois opostos discursivizados: Itueta “velha” representa a ideia de comunidade, em que as relações, os contatos pessoais e os sentimentos são uma faceta essencial do território perdido com a realocação e a “nova” Itueta, com suas formas de sociabilidades estimuladas pelas regras do mercado, explicita as tensões e os estranhamentos provocados pela passagem de um modo de vida mais rural para um modo mais urbano. Ou seja, a

⁹ Estamos considerando a concepção de comunidade e sociedade de Ferdinand Tonnies (1942; 1947).

realocação alterou essa ordem de organização social, estranha às doceiras, acostumadas ao modo de vida da Itueta “velha” considerada como território simbólico. Essa resistência ao modo societário de sociabilidade humana pode ser entendida como uma forma de territorialidade, que as mantém unidas ao antigo território.

Em muitos momentos, o pensamento da representante local contrasta com o pensamento das doceiras sobre a realocação, na medida em que tal moradora enxerga as diferenças e a antiga cidade como uma faceta local, parte do processo de realocação, já naturalizado. Já as doceiras tomam a cidade antiga como a representação do ideal, na busca da recuperação de um passado.

Assim, a identidade das doceiras se representa alterada pelas tensões da mudança, ao passo que a representante local não textualiza com tanta veemência suas condições alteradas pelo território.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O olhar interdisciplinar do presente artigo, com elementos da análise de discurso crítica, em consonância com os estudos culturais, além do contato com conceitos da sociologia figuracional, permitiu que considerássemos facetas significativas da realocação da cidade de Itueta: de um lado, as doceiras representam negativamente a realocação; de outro lado, uma representante local discute as consequências da realocação, enfatizando alguns contrastes entre Itueta “velha” e a “nova” e suas implicações. A representação discursiva sobre o território coloca em tensão Itueta “velha” e “nova” Itueta, indicando que esta última toma contornos do indesejado, “transtorno”, “difícil”. Essa tensão é discursivizada no significado a partir de poucas relações de assimilação e muitas textualizações que refletem o estranhamento das doceiras em relação aos novos locais, às novas práticas e novas condições de vida. Assim, a linguagem como prática social se dá pela produção de sentidos de tensões significativas provindas da relação com o novo espaço da “nova” Itueta: a falta de contato entre antigos vizinhos, a extinção da prática de feitura e venda de doces, a não frequência aos pontos de contato comunitário, por exemplo, a estação são pontos nevrálgicos relatados nas práticas discursivas em questão. Desse modo, habitantes do território desarticulado representam seus movimentos no âmbito temporal, discursivamente representado pelo estranhamento na ordem do “antes e depois” da desarticulação. No processo de mudança de ir para a nova cidade, os cidadãos tomam para si e assimilam valores, crenças e práticas e rejeitam outras.

Embora o território simbólico esteja presente na memória das doceiras, essa presença não está definitiva, assim como as identidades acentuaram seu caráter difuso diante do processo de ter que ressignificar seus valores, rever suas práticas diante do processo de mudança compulsória.

Muitas práticas que marcavam o cotidiano na velha cidade foram desarticuladas junto com o antigo território. A realocação provocada pela construção da UHE Aimorés pôs fim ao território material, e o lugar de alegrias é sempre narrado com a dor da sua destruição. Assim, percebem-se significativas rupturas que, ainda à época do estudo de Santos (2013) constituem parte do inconformismo e da revolta sobre o realocar-se, dificultando, desse modo, o enraizamento às novas condições que são postas na “nova” Itueta.

Recebido em: fevereiro de 2017
Aprovado em: dezembro de 2017
thiagomartinsantos@yahoo.com.br
nadiabiavati@yahoo.com.br
[DOI: 10.26512/les.v18i3.7467](https://doi.org/10.26512/les.v18i3.7467)

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOLIGIAN, L.; ALMEIDA, R. A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia. In: GERARDI, L. H. O. (Org.). *Ambientes: estudos de geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia - 34 UNESP; AGETEO, 2003.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. (Org.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. New York: Routledge, 2007.
- FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. In: *Teias*, Rio de Janeiro: UERJ, v. 11, n. 22, p. 225-234, maio/ago. 2010. Tradução de Raquel Goulart Barreto. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24124/17102>>. Acesso em: 4 fev. 2017.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. In: *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas*, Garibaldi (RS), 15 ago. 2007, n. 2 (4), v. 1, p. 39-52. ISSN 1981-3732.
- RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, T. *Itueta: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)*. 2013. 71 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2013.

SILVEIRA, R. *Apresentação. Olhares em análise de discurso crítica*. Editoras: Josenia Antunes *et al.* Brasília: Cepadic.com, 2009. Disponível em: <<http://www.cepadic.com/pdf/Livro%20Olhares%20em%20ADC.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

TONNIES, F. *Princípios da sociologia*. [cidade] México: Fondo de Cultura Económica, 1942.

TONNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Lousada, 1947.